

palavra à paródia e o Teatro é revelado através de suas modalidades: *milagre*, *mistério*, *farsa*, sendo as duas primeiras orientadas para o religiosos e a última não demonstrando outra pretensão a não ser o riso. Sem criar polêmica, no final desta quinta parte, o A. afirma:

“Si l’ on définit l’humanisme par la connaissance de l’Antiquité, on constate que le Moyen Age, loin de l’ignorer, a fait d’elle sa substance, sa chair” (p. 222).

E recorda que nos séculos XIV e XV se multiplicaram as traduções de obras latinas.

Em apêndice, antes da bibliografia e do índice, temos sob o título “As edições de textos medievais”, a descrição científica do caminho andado por uma obra medieval apontando critérios de estabelecimento das continuações e das versões do mesmo texto. A bibliografia muito esmeradamente levantada aponta obras importantes desde o problema da Língua, da História enumerando ainda instrumentos de trabalho, Histórias da Literatura, Antologias e Estudos críticos subdivididos por assuntos: Canções de Gesta, Lirismo, Romance, Conto, Poesia Didática. Extenso índice de autores e assuntos precede o do próprio livro.

Tão extensa matéria somente poderia ser tratada à maneira de introdução nos estreitos limites do volume da coleção Études. Em que pese a esquematização a que se viu obrigado o A., a obra além de indispensável ao estudioso da Literatura Medieval, chega a ser extremamente útil a outros aspectos da cultura medieval.

HEITOR MEGALE.

* * *

STEVENS (John). — *Medieval Romance. Themes and approaches*. Hutchinson University Library, London 1973, 255 páginas (21 x 13,5 cm.).

Publicado em 1973, *Medieval Romance*, de John Stevens, revela um tratamento amadurecido das narrativas medievais, tanto quanto pode garanti-lo a total flexibilidade no uso de citações e aplicações de exemplos retirados dos mais variados textos, muito embora o A. não tenha pretendido anotar ou avaliar todo o acervo remanescente.

Um esclarecimento muito oportuno é dado no capítulo II sobre a atitude do estudioso diante da ficção medieval, esclarecimento este que ilustra bem a orientação da obra. De fato, mais aceitável que a postura pragmática em relação ao nosso tempo, seria a orientada para a época da obra.

“As in all our dealings with the Middle Ages or, for that matter, with any period remot from our own — we find that the most important question to ask is not straightaway, *What is this worht to me?* but *What is this worth to them?*” (p. 29).

Isto porque, argumenta, sistemas de pensamento, padrões de sentimentos, códigos de comportamento, estilos em Literatura e Arte, numa palavra, convenções não são inventadas senão para referenciar a vida. Surgem porque são necessários para ordenar experiências e emprestar ou impor significado à vida.

Outras duas idéias preconceituais em relação ao estudo das narrativas medievais, o A. discute e esclarece revelando seus propósitos. A primeira seria a de os escritos medievais constituírem propriedade exclusiva de especialistas e a segunda, decorrente desta, a de que a linguagem que não mais nos é familiar pudesse conduzir à ilógica conclusão de que um mundo absolutamente estranho ou nada familiar se constituísse nos poemas e nas novelas. E concluindo muito coerentemente o raciocínio afirma: o que concerne à narrativa medieval é exatamente o que diz respeito a toda narrativa de ficção. E enumera: o homem amando, o homem lutando, o homem com sua amada, com seu chefe; o homem só, o homem frente ao mistério, frente à morte, o homem procurando Deus.

Quanto ao problema da linguagem, torna acessíveis os exemplos e as citações, pela transcrição, quando necessário, em inglês atual seguindo as citações do inglês ou do francês arcaicos.

O critério que norteia e orienta o estudo não é cronológico nem geográfico. Os problemas tratados se enfeixam em onze títulos: 1. — Introdução: A permanência do romance; 2. — O homem e a mulher: Idealismos do amor; 3. — O homem e a sociedade: O romance do gentil-homem; 4. — Homem e super-homem: O romance do eu; 5. — O Homem e o sobrenatural: O maravilhoso no romance; 6. — O homem e Deus: Romance e religião; 7. — Realismo e romance: Personagens e tipos; 9. — Realismo e romance: Discurso de amor; 10. — O narrador e o poeta; 11. — Epílogo: A repercussão do romance.

Percebe-se que, partindo da premissa de que a narrativa medieval tem uma realidade referencial, o tratamento destes temas, largamente enriquecido de citações, traduz para o leitor, não apenas uma vivência intelectual da época, como também a vida social, política, econômica e religiosa. Isto se comprova pela multiplicidade de referências aos textos dos chamados ciclos arturiano ou bretão, carolíneo e clássico, tanto na fase de canções de gesta, como em sua posterior forma novelesca em prosa, além de outras obras, entre as quais convem destacar especialmente: *Historia Regnum Britanniae*, de Geoffrey of Monmouth; *Canterbury Tales*, de Chaucer; *De Arte Honestae Amandi*, de Andreas Capellanus, *Confessio Amantis*, de John Gower; *De Planctu Naturae*, de Alanus de Insulis. Por vezes, ocorrem mesmo esclarecedores confrontos de versões, como, por exemplo, entre *The Romance of Tristan*, de Beroul, *Tristan and Isold*, de Gottfried von Strassburg e *Les Fragments du Roman de Tristan*, de Thomas.

Em determinados momentos, assume forma bastante didática, nem por isso mais limitada em acuidade. Exemplificaríamos com o maravilhoso como

vem tratado no capítulo IV. Haveria, segundo o A. três categorias de maravilhoso: 1. — o puramente maravilhoso não motivado e inexplicável, como a lança flamejante em *Le Chevalier de la Charrette* (Lancelot) de Chrétien de Troyes, ou barcas movidas sem timoneiro e animais que falam; 2. — o estritamente mágico que mostra o maravilhoso controlado pelo homem, como o dom das línguas e anéis conferindo invisibilidade e 3. — o milagroso, que seria o maravilhoso controlado por Deus e consistiria nos milagres, mais frequentes no Ciclo do Graal.

Considerando que abandonou critérios cronológicos e geográficos, teve o A. o cuidado de inserir antes das bibliografias, uma elucidadora nota histórica dos romances ingleses e franceses. A bibliografia considera Textos, Antologias e Versões como matéria primordial e arrola, por autores, as escrupulosas edições cotejadas. Como material secundário, também por autores, seguem-se os estudos a respeito das obras medievais. A autoridade dos autores consultados impõe ainda mais o valor da obra, cuja seriedade atesta. Por fim, um índice de referências comprova a abundância de exemplos e citações.

A conclusão a que chega John Stevens, no epílogo, é que

“in the Middle Ages, romance — at least for the chosen few — was part of way of life” (p. 236).

É preciso reconhecer que os objetivos que o livro se propôs foram atingidos e, para o estudioso da Idade Média já familiarizado com os textos, abrem-se-lhes muitas perspectivas de análise, e embora o título pareça orientar-se a interessados na Literatura Medieval, não se pode esquecer que a realidade referida o torna útil e necessário ao historiador.

HEITOR MEGALE.

* *

*

FOURQUIN (Guy). — *Les soulèvements populaires au moyen âge*. Collection SUP — “L’Historien”. Presses Universitaires de France. Paris, 1972. 216 páginas, in 16°. (10 x 23 cm.).

A coleção SUP compreende diversas secções, sendo que a “histórica” é dirigida por Roland Mousnier. Guy Fourquin, é Professor da Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Lille, próxima à região que presenciou acontecimentos narrados no livro. Do mesmo e ainda na mesma coleção temos *Seigneurie et féodalité au Moyen Âge*.

A obra em linhas gerais pretende ser uma introdução ao problema, onde num rápido exame são caracterizadas situações peculiares de conflito na Idade Média. Embora certos pontos bem tratados fundamentem o trabalho, constantes críticas a diversos aspectos da obra de Marx acabaram se constituindo em divagações, distraindo constantemente o leitor.

Na introdução, o autor explica porque utilizou o termo *sublevação* e rejeitou o de *revolução*. Isto é devido a este último significar: